



O luto simbólico de universitários diante das perdas educacionais do cenário pandêmico

The symbolic mourning of university students faced with educational losses in the pandemic scenario

Isabela de Jesus Freitas

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil, 0009-0002-6749-6445

isabelafreitas@alu.ufc.br

Tania Vicente Viana

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil, 0000-0002-1749-6466

coordenadorataniaviana@gmail.com

Resumo

O presente artigo objetivou identificar de que forma o luto simbólico pelas perdas educacionais durante e pós-pandemia da Covid-19 impactou a jornada acadêmica de estudantes universitários e de que forma eles têm interpretado e significado esse luto. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo com uma amostra intencional de quatro estudantes universitários de dois cursos diferentes em semestres distintos, todos de universidades públicas. Os dados, coletados através de formulário eletrônico, foram analisados através da hermenêutica. A fundamentação teórica foi composta por artigos e documentos sobre o Ensino Remoto Emergencial e luto simbólico. Através da interpretação das respostas dos participantes, concluiu-se que, para além das perdas concretas, as perdas simbólicas relativas ao espaço, ao tempo e ao campo das experiências tiveram impacto na forma que esses estudantes percebem sua jornada educacional. Assim, torna-se imprescindível considerar as implicações de um período tão repleto de sofrimentos e perdas imensas na Educação pós-pandemia.

Palavras-chave: Pandemia da Covid-19. Ensino Remoto Emergencial. Luto simbólico. Ensino Superior.

Abstract

This article aimed to identify how the symbolic mourning of educational losses during and after the Covid-19 pandemic has impacted the academic journey of university students and how they have interpreted and made sense of this mourning. Thus, a field study was carried out with an intentional sample of four university students from two different courses in different semesters, all from public universities. The data, collected using an electronic form, was analyzed using hermeneutics. The theoretical foundations were composed of papers and documents on Emergency Remote Education and symbolic mourning. Through the interpretation of the participants' responses, it was concluded that, in addition to concrete losses, symbolic losses relating to space, time and the field of experiences had an impact on the way these students perceive their educational journey. It is therefore essential to consider the implications of a time so full of suffering and immense losses for post-pandemic education.

Keywords: Covid-19 pandemic. Emergency Remote Teaching. Symbolic Mourning. Higher Education.



1 Introdução

A pandemia do Coronavírus chegou ao Brasil no ano de 2020, como uma situação catastrófica sem precedentes, tomando proporções inesperadas rapidamente, afetando os hábitos diários e o cotidiano das pessoas. Os acontecimentos durante o período de isolamento mostram-se até hoje como motivo de dor, oriunda da perda de entes queridos, interrupção de sonhos ou da completa mudança de panorama, que exigiu novas formas de pensar a vida e o cotidiano. Hoje, pode-se pensar que, para além das perdas concretas, a pandemia teve um significado subjetivo, simbólico para os mais diversos campos e grupos (BIRMAN, 2021; DACOLMO, 2021).

No que diz respeito à Educação, o acesso aos espaços educacionais físicos foi imediatamente afetado com o isolamento e eventual *lockdown*. As aulas presenciais foram substituídas pelas aulas remotas durante o período, em conformidade com a Portaria n° 343, de 17 de março de 2020 e subsequentemente as portarias n° 345, n° 473 e definitivamente, n° 544, (BRASIL/MEC, 2020a; 2020b, 2020c, 2020d). Entre o cenário de caos e os piores anos da crise de saúde, alunos e professores precisaram adaptar-se a um contexto para o qual nunca foram preparados. Entender isso significa dizer que parte da formação de alguns alunos em todo o mundo se deu sem os materiais ou ambientes adequados, em condições emergenciais e imprevistas.

Assim, ainda hoje, tenta-se mensurar os danos: no campo educacional, na saúde mental, emocional e física dos estudantes. Os eixos imprescindíveis da Educação infantil, “interação e brincadeira” (BRASIL, 2009) foram impossibilitados em um momento no qual as aulas aconteciam de forma virtual. Além disso, os professores se prepararam para receber crianças do Ensino Fundamental que fizeram seus anos iniciais de forma remota, não conseguindo concretizar o processo de alfabetização e voltando para a escola com grandes lacunas, como aponta o Censo Escolar de 2021 (BRASIL, 2021). De acordo com o mesmo censo, a taxa de evasão no Ensino Médio mais do que dobrou, chegando a 5%, mostrando que, dos estudantes do Ensino Médio que conseguiram concluir, eles o fizeram em condições distintas, por vezes precárias, e chegarão à universidade ou mesmo a outros espaços com as características dessa vivência. Os estudantes universitários, por sua vez,



depararam-se com preocupações relativas ao exercício da profissão e às lacunas de aprendizagem ao longo do curso.

Tendo a universidade um cenário tão diverso quando se trata de alunos, as demandas foram muito diferentes, apesar da existência de pontos em comum. Mesmo com as diferenças, ainda é possível identificar um discurso em comum durante o Ensino Remoto: a solidão de não ter os colegas por perto para compartilhar das dificuldades e alegrias, o medo constante de sair, de perder algum familiar, de contaminar ou de ser contaminado. As notícias, que pareciam inevitáveis e intermináveis, a esperança de uma vacina que não se sabia quando viria, tudo enquanto se tentava assimilar os conteúdos exigidos pelas disciplinas da faculdade (Guerreiro, M. Carvalho, J. Dias, C, 2022.).

Apesar do reconhecimento das perdas e adversidades do período, a tão falada “volta à normalidade” após o fim do período de isolamento solicitou implicitamente um apagamento dos tempos de dor, dos tempos de “anormalidade”. Hoje, a maioria prefere esquecer os acontecimentos. Mesmo assim, as consequências de um período tão insólito quanto o da pandemia, nos mais diversos níveis educacionais, ainda deverão ser muito exploradas, mas é inegável que esse período transformou expressivamente o panorama educacional, com efeitos que se mostram e ainda se mostrarão, exigindo novas compreensões e novas formas de enfrentamento das dificuldades. (ABRAMOWICZ, 2021).

Estudos recentes têm apontado para um déficit nas memórias do período pandêmico, sendo este muito atrelado a perda dos marcos temporais como aniversários e feriados e também a questões de saúde mental como ansiedade e depressão (PAWLAK, SAHRAIE, 2023). Diante disso, é como se alguns dos mecanismos para o processamento diante do perigo iminente não estivessem disponíveis na época, ou até mesmo agora, visto que algumas das compreensões estavam prejudicadas. Os dois anos que se passaram entre o início de 2020 e o de 2022, período em que a maioria das instituições de ensino começaram a reabrir seus espaços para aulas presenciais, foram anos completos em suas experiências, perdas e dores vivenciadas em uma vasta gama de formas, que exigiram, de cada um, maneiras diferentes de enfrentamento diante das próprias condições financeiras, familiares e sociais.

As implicações dos quase três anos vividos nesse cenário ainda são em muito desconhecidas, sendo também frequentemente ignoradas. Ao que parece, muitas das dificuldades acabam por ser atribuídas a outros fatores, como a própria personalidade ou



a história de vida anterior à pandemia, e, dessa forma, seguem direcionando a atenção para outros aspectos, nunca se tratando diretamente dos efeitos da pandemia. Esse esclarecimento é importante não só para estudantes, mas também para professores, que terão em sua sala de aula alunos atravessados pelas especificidades do período, precisando lidar com os mais diversos mecanismos de enfrentamento das circunstâncias e com a necessidade de encontrar soluções continuar ensinando e aprendendo com prazer, e nunca da mesma forma, pois isso é apagar os anos vividos.

Embora este artigo não se dedique a compreender a experiência de professores com o luto simbólico diante da perda do que para eles era querido, como o espaço da sala de aula, o contato dos alunos, a forma de lecionar e compreender a educação, é importante mencionar essa realidade. Mesmo de forma anterior à pandemia, os professores encontravam seus desafios e discutiam sua relação com alunos de diferentes perfis. A compreensão do ensinar-aprender não é linear, mesmo antes do período pandêmico. Como nos diz Morales (2006), por vezes, o que se aprende com os docentes não advém do que eles haviam planejado ensinar, mas do olhar e da maneira de ser dos professores. Isso nos diz muito da dialogicidade, flexibilidade e escuta que deve construir a prática pedagógica, como assinala Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia* (2008).

A partir disso, é importante pensar que os professores, como um dos atores da Educação, também foram transformados por esse período, e suas práticas e posicionamentos postos sob uma lupa. Diante de tantas turbulências e transformações, cabe questionar se os professores ouviram as novas demandas de seus alunos, bem como se agiram de forma dialógica, por mais que este não seja o questionamento central deste artigo.

O luto, elemento marcante durante uma emergência de saúde, é na maioria das vezes, identificado como a forma de processamento de uma perda associada à morte. Muitas teorias foram elaboradas para manifestar como esse processo ocorre, sendo o mais conhecido o modelo dos 5 estágios do luto (Kubler-Ross, 1969/2008) e, de forma mais recente, o “Modelo do Processo Dual” (Stroebe & Schut, 2010). Esses estudos guardam relação com perdas por morte de entes queridos, mas podem também ser considerados para pensar o luto pelas perdas simbólicas. Perdas que dizem mais respeito a experiências e situações, como mudar-se ou perder um emprego. No cenário pandêmico, o luto simbólico se constrói diante da perda da liberdade, da segurança e dos planos anteriormente estabelecidos.



O luto, seja ele real ou simbólico, pode causar alterações significativas na forma de perceber o mundo, no processamento cognitivo e emocional (Cavalcanti, Samczuk & Bonfim, 2013, *apud* Lopes, F. G et al.) Assim como foram perdidos marcos simbólicos da perda por morte (como enterros e rituais fúnebres), foram perdidos marcos educacionais simbólicos, como as férias, o espaço físico, a sala de aula, os colegas, as comemorações, sem que se pudesse parar para processar estas perdas, sem que se houvesse suporte o suficiente para abordá-las. Esses estudantes, que se encontram num lugar de sobreviventes da pandemia e, muitas vezes, não chegaram a perder nenhum membro da família, encontram-se face a face com o simbólico, com o subjetivo que ainda os afeta.

Sugerimos então o olhar sensível e bem direcionado para o período pós-pandêmico, especialmente no que diz respeito ao campo da Educação, buscando responder às seguintes perguntas: qual é a percepção dos alunos sobre o tempo de isolamento, longe do espaço físico da universidade? Que transformações aconteceram nas formas de aprender depois de dois anos de Ensino Remoto Emergencial? E, por fim, como podemos pensar e significar essa transição, não permitindo que ela seja apagada ou diminuída?

Frente a essas perguntas, esse trabalho busca debruçar-se, essencialmente, sobre as experiências de estudantes universitários, que a partir dessas vivências, podem elaborar melhor seus sentimentos sobre o período. O que esse trabalho busca investigar é o que os alunos muitas vezes não têm as ferramentas para manifestar: como o luto simbólico pelas perdas educacionais afetou sua jornada acadêmica e de que forma eles interpretam e significam esse luto?

2 Metodologia

Esse estudo foi conduzido a partir de uma pesquisa de campo, uma categoria de pesquisa qualitativa e de natureza exploratória, tendo como amostra intencional 4 estudantes universitários de semestres distintos, sendo que todos são de universidades públicas e cursos presenciais. Os dados foram coletados a partir de um formulário eletrônico e então analisados a partir da hermenêutica (Gadamer, 2005 *apud* Sidi, P. de M. Conte, E. 2017), uma abordagem que se dedica a compreender fenômenos através do diálogo com o grupo pesquisado, interpretando os sentidos atribuídos pelos sujeitos de



pesquisa ao objeto pesquisado. Os sujeitos leram e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

3 Resultados e Discussões

O formulário eletrônico distribuído *online* foi respondido por 4 estudantes de graduação de universidades públicas no Ceará (Universidade Federal do Ceará - UFC e Universidade Estadual do Ceará - UECE), sendo 2 do curso de Pedagogia e 2 do curso de Psicologia. Como mencionado anteriormente, os dados serão analisados de acordo com a hermenêutica, buscando compreender um fenômeno educacional com base nos significados atribuídos pelos participantes.

A possibilidade compreensiva da hermenêutica permite que a educação torne esclarecida para si mesma suas próprias bases de justificação, por meio do debate a respeito das racionalidades que atuam no fazer pedagógico. Assim, a educação pode interpretar o seu próprio modo de ser, em suas múltiplas diferenças (HERMANN, 2003, p. 83).

Desse modo, as perguntas do questionário foram divididas em antes, durante e depois da pandemia, buscando obter um panorama geral de como a vivência universitária dos estudantes foi afetada e modificada diante das perdas educacionais do período. As perguntas são em parte abertas e em parte objetivas, buscando, por vezes, traçar um perfil desses alunos e, através desse perfil, ouvi-los. Desse modo, são seis perguntas objetivas e nove perguntas abertas, subjetivas.

Buscando preservar as identidades dos participantes, eles serão identificados como P1, P2, P3 e P4 nesse estudo. A seguinte tabela busca demonstrar melhor a divisão.

QUADRO 1 - Divisão dos participantes por curso, semestre atual e semestres cursados durante a pandemia.

Participante	Curso	Semestre atual	Semestres cursados durante a pandemia
P1	Pedagogia	9º semestre	2º, 3º e 4º
P2	Psicologia	8º semestre	1º, 2º, 3º
P3	Psicologia	9º semestre	3º 4º e 5º
P4	Pedagogia	14º semestre	5º ao 10º

Fonte: próprio autor



3.1 Antes

As quatro primeiras perguntas objetivavam conhecer o perfil dos estudantes que responderam a pesquisa, com questões sobre curso, semestre e universidade. Assim, foi identificado que, atualmente, os estudantes de Pedagogia (P1 e P4) estão entre o 9º e o 14º semestre, enquanto os de Psicologia (P2 e P3) se encontram entre o 8º e 9º.

Sobre o progresso do curso no período de início da pandemia, P2 havia acabado de começar a graduação, estando no primeiro semestre quando o Ensino Remoto Emergencial começou e estudando de forma remota os quatro primeiros semestres do curso, quando geralmente é construída uma base para os futuros aprendizados do programa. De forma similar, P1 se encontrava no 2º semestre e P3, no 3º, o que mostra que elas viveram um ou dois semestres no espaço físico da universidade. Outro estudante de pedagogia, P4, estava entre o 4º e o 5º período quando a pandemia teve início, tendo estudado até o 10º semestre dessa forma.

Quando perguntados sobre as atividades que costumavam realizar na universidade antes do período de isolamento, as mais relatadas foram o estudo na biblioteca ou espaços comuns da universidade, reuniões para socializar com amigos, refeições na universidade e programações acadêmicas, como palestras, conferências, seminários ou feiras culturais e eventos sociais além das aulas. Ainda nesse sentido, P2 conta: “Como a pandemia me atingiu no primeiro semestre, eu só cheguei a participar da semana de recepção.” Dois participantes declararam que iam a calouradas ou outras festas.

3.2 DURANTE - “*Pareceu uma eternidade na época.*”

Nenhum dos participantes estava trabalhando quando a pandemia começou, e todos tiveram a chance de ficar em isolamento, o que é muito simbólico para compreender de que ponto de vista partem suas experiências e percepções de tempo e espaço. Quando perguntados sobre os pensamentos iniciais sobre o período de isolamento, sobre inseguranças e crenças sobre a duração, todos pensaram depois de algum momento que fosse “durar para sempre”, ou pelo menos por um longo período ainda indeterminado. A sensação de insegurança pela imprevisibilidade do retorno às atividades anteriores mostra-se como uma das razões mais fortes para o luto simbólico e sentimentos de angústia pelo qual passaram os estudantes. Todos manifestaram inseguranças e



ansiedades relacionados à morte, higiene, perda de entes queridos e inclusive “medo por toda a humanidade” (P4).

Inicialmente, pensei que iria durar pouco tempo. Mas, em um determinado momento, percebi que estava demorando muito para acabar, então comecei a achar que não iria acabar. Fiquei com medo do vírus, medo de morrer e de alguém da minha família falecer também. *Me* senti insegura, ansiosa, sufocada, desesperada, etc. Foi muito ruim. (P1)

[...] Senti muita insegurança, insônia, usava muito álcool em gel e lavava as mãos após tocar qualquer coisa em casa que outros da família de casa tivessem contato. Achei, no início, que o isolamento iria ajudar com que passasse logo, não imaginei que fosse durar tanto tempo. Pareceu uma eternidade na época. (P3)

Quando perguntados sobre as dificuldades de aprendizado durante o Ensino Remoto, os estudantes se manifestaram em concordância com os sentimentos propostos na própria pergunta, sendo estes: “ansiedade, pânico, dificuldade de concentração, dificuldade de encontrar ambientes apropriados, solidão, desmotivação”. P1 relatou as dificuldades específicas de encontrar um lugar apropriado para estudar e formas de se concentrar no que era proposto em sua realidade. Como no excerto a seguir:

Era muito difícil encontrar um lugar tranquilo para estudar, pois, na minha casa, moram 5 pessoas. Então, sempre tinha muito barulho que atrapalhava a minha concentração. Ademais, eu só tinha um celular na época que iniciou. Era muito ruim estudar pelo celular. Eu tinha muita dificuldade de concentração, por isso passei quase 1 ano sem estudar muito, pois, sempre que eu tentava, não conseguia. Sentia muita falta dos meus amigos e me sentia sozinha. (P1)

P4, assim como ela, sentia muita falta da interação com amigos. Por outro lado, o participante P2, que havia acabado de iniciar o curso quando a pandemia teve início e não teve a possibilidade de formar vínculos fortes nesse cenário, declara ter tido “dificuldades para tirar as dúvidas com colegas e professores”, além de “dificuldades de engajamento ao curso e de foco” (P2). P4 declara ter sentido “dificuldade de concentração, dificuldade nas interações, vontade de desistir pela falta de interação física com as pessoas.” Um dos relatos mostra, de forma explícita, a dificuldade de se aplicar aos estudos e às aulas em um momento tão incerto:

Senti tudo isso. Também sentia tédio durante as aulas. Ninguém conseguia pensar em estudar com o caos que acontecia. Às vezes, achava que poderia ter uma falta de ar e não saber se era uma crise ou a Covid. (P3)

Perguntados sobre algum prejuízo no desempenho durante esse período, seja esse atrasar disciplinas, deixar de aprender assuntos importantes ou ir mal em avaliações, os



estudantes manifestaram muito mais perdas simbólicas, que não chegaram a se manifestar tanto no sistema avaliativo. Perdas que podem ou não ter sido percebidas pelos professores, mas foram percebidas por esses alunos. Como nos diz P1:

Não cheguei a ter piora nas notas em si, pois sempre procurava entregar todas as atividades e trabalhos. Porém, sinto que eu deixei de aprofundar em muitos conteúdos, pois eu tinha dificuldade de concentração e muito desânimo. Só fazia o básico que era solicitado pelos professores. Sinto que perdi muitos tópicos importantes para a minha formação. Além disso, eu deixei de assistir muitas aulas, pois estava desgastada pelo uso de telas e que era mecânico. (P1)

P2 manifestou ter se atrasado no curso, por não ter feito disciplinas optativas o suficiente. Essa foi a situação de muitos estudantes, que ou não tinham condições emocionais ou materiais de adicionar disciplinas a mais em tempos tão incertos ou compreendiam que a aprendizagem seria prejudicada ao ter as experiências dessas disciplinas de forma virtual. Como nos diz P2:

Atrasei um semestre, não consegui fazer optativas, o que me atrasou no curso e sinto que não consegui fixar nada aprendido no Ensino Remoto. Sou um estudante do oitavo semestre e me sinto no quarto (P2)

De forma complementar, P3 e P4 demonstram preocupação com a formação, chegando a sentirem-se atrasados, pois não conseguiram se apropriar de ensinamentos essenciais para o exercício da profissão. Os relatos a seguir manifestam essa ideia:

Com certeza, é como se tivesse um buraco durante o meu curso. Senti que o aprendizado diminuiu muito durante a EaD. Coisas essenciais que eu deveria ter absorvido não foram absorvidas. (P3)

Com certeza. Inumeráveis aprendizados na minha caminhada acadêmica ficaram desfalcados. Sinto que não aprendi quase nada nesse período, em se tratando de conteúdos imprescindíveis para o trabalho pedagógico. Um exemplo foi a disciplina de didática: fiz na pandemia e a professora era fantástica, mas não conseguia me apropriar do que era construído na interação online (P4)

Sobre experiências desagradáveis com professores no curso, muitos alunos manifestaram principalmente a cobrança excessiva de presença e participação durante as aulas, somada à inflexibilidade, à audácia de agir como se o período não fosse emergencial. Alguns dos professores mencionados não abriram mão da presença ou das avaliações e optaram por não gravar suas aulas, mas em contraponto, alguns não chegaram a se comprometer com a própria presença. P1 e P2 chegaram a contar essas situações:

Alguns professores cobravam presença e participação durante as aulas, mesmo que alguns alunos não tivessem microfones. Um professor queria que os alunos



basicamente dessem aula para ele, pois ele nunca deu uma aula e mandava a gente apresentar 'seminários'. (P1)
Exigência demasiada, inflexibilidade e ausência. Dois professores meus faltaram o semestre inteiro e simplesmente não tive a disciplina (P2)

Ainda sobre isso, alguns professores manifestaram incômodo com o fato de os alunos não lerem todos os textos, como nos diz P4. Em um momento em que os materiais eram disponibilizados apenas de forma digital, assim como as aulas e avaliações, a exaustão de olhar para as telas e dificuldade de absorver o conteúdo constituía a principal justificativa dos estudantes, não aceita por alguns professores.

Sim, tive uma professora que não compreendia muito bem a ausência nas aulas e que ficava um pouco estressada quando algumas coisas não iam da maneira que ela queria, especialmente as leituras dos textos. Os alunos não conseguiam ler, inclusive eu. Mas ela não compreendia muitas vezes. (P4)

Outro problema era encontrado na forma da presença em aulas *online* em plataformas como o *Google Meet*, onde professores pediam ou até mesmo pressionavam a participação através das câmeras e microfones pelos estudantes, sendo algo muito simbólico para os interlocutores da aula, mas não tanto para os ouvintes (MÁXIMO, 2022), que se sentiam por vezes desmotivados a participar de uma aula no mesmo modelo em um cenário diferente, de forma tão gritante. Assim:

Houve professores que não compreendiam que não conseguíamos aprender muito, que passavam muitas coisas para serem estudadas. Houve muita falta de consideração por parte destes e muitos não conseguiam dar uma aula que cativasse e fizesse com que o ensino fosse bom. (P3)

É preciso lembrar que muitos dos professores sentiram-se também desamparados e sobrecarregados com o cenário, não recebendo os meios ou as informações necessárias para dar suas aulas da melhor forma possível em um período tão adverso. Mas, mesmo assim, houve exemplos de flexibilidade, compreensão e dialogicidade durante esse período, que, apesar das perdas, fez com que os estudantes se sentissem um pouco mais ouvidos. (CALISTA, 2022)

Sobre suporte da universidade durante os tempos de pandemia - seja este financeiro, emocional, institucional ou tecnológico - duas estudantes mencionaram o apoio tecnológico e financeiro, tendo uma delas recebido um computador e *chip* com internet, pois, como havia informado, só tinha o seu celular para acompanhar as aulas inicialmente. No campo do suporte emocional, P1 mencionou ter participado de rodas de



conversas sobre saúde mental, enquanto P4 mencionou que, embora não tenha necessitado do apoio financeiro, recorda o apoio das professoras através de atitude empática, escuta e modificação da rotina em prol do aprendizado.

Ofereceu muito suporte às pessoas que dele necessitavam, eu não precisei de apoio financeiro, mas a mim chegou o apoio de inúmeras professoras que tinham uma atitude empática e de escuta, que buscavam transformar a rotina em algo tranquilo e não cobravam, mas estavam interessadas no nosso aprendizado através da humanização das relações e conteúdos que ocorriam naquele período. (P4)

P2, em contraponto, diz não ter recebido forma alguma de suporte por parte da universidade.

3. 3 DEPOIS - As consequências do Ensino Remoto Emergencial

Essa seção do trabalho cuida principalmente dos resultados da pandemia, da percepção dos estudantes sobre os acontecimentos subsequentes na volta para a universidade. Sua importância se mostra no contraponto entre a expectativa e a realização do desejo de estar no espaço físico, e na percepção acerca das transformações irreversíveis que marcaram a volta das aulas presenciais. Os estudantes, que tanto aguardaram para concretizar seus planos, perceberam, aos poucos, que não seria possível recuperar o tempo perdido. Que voltavam como pessoas diferentes, em momentos diferentes de sua graduação, que os espaços que conheciam não eram mais os mesmos e nem sequer as pessoas. Havia transcorrido dois anos inteiros, com perdas irrecuperáveis, tanto concretas quanto simbólicas. Por outro lado, o cenário apresentou a esses estudantes uma forma diferente de se relacionar com os espaços educacionais, que precisou ser confrontada na volta. (Birman, 2021; PEINADO, et al. 2022).

Quando indagados sobre as percepções após a volta em uma pergunta objetiva, todos responderam através da seleção de opções, terem se sentindo inseguras(os) ou ansiosas(os). Também notaram a universidade mais vazia. Além disso, todos manifestaram dificuldade de ler ou produzir trabalhos acadêmicos e dificuldades de concentração. Três participantes notaram que seus amigos mudaram, que as pessoas estavam diferentes (mais distantes, inseguras...) Dois notaram que tiveram mais



dificuldades de fazer coisas que lhes davam prazer. P2, que viveu os anos iniciais de seu curso de forma remota e voltou como um estudante do quarto semestre, declarou, em um texto, que ele mesmo adicionou, sentir-se incapaz de fazer coisas que já deveria saber, pelo seu tempo e progresso no curso.

A pressão para produzir e exibir um alto desempenho mesmo durante e após uma situação de calamidade global foi uma característica marcante de muitos dos sofrimentos subjetivos da pandemia, especialmente para estudantes. (SANTOS; DE ANDRADE, 2021.) Perceber, após o retorno, que já se sentiam cansados em tantos aspectos diferentes, que sentiam não ter aprendido nada em dois anos de curso, que perderam experiências com as quais sempre sonharam, pode causar um impacto bastante peculiar, que raramente é discutido entre os estudantes, o que demonstra uma dor além do que é mensurável, uma dificuldade de lidar com o que se passou.

Sobre as características do estado emocional percebidas pelos participantes durante ou depois do período do isolamento, o mais frequente foi a dificuldade de lidar com ambientes lotados ou barulhentos. Dentre os participantes, 3 de 4 também identificaram níveis de medo e ansiedade elevados, dificuldades na memória e choro fácil. Alguns participantes manifestaram dificuldades de interação, somada à apatia.

Falando sobre as mudanças na relação e no sentimento sobre o curso e a universidade depois do período de Ensino Remoto, P1 declara que passou a valorizar mais as aulas presenciais e o contato com as pessoas, passando a apreciar mais o espaço. P2 começou a gostar mais do curso, pois descobriu o que gostaria de fazer nele. P3 expressa frustração por não ter aproveitado o curso inteiramente de forma presencial. Sobre a volta ao espaço da universidade, P4 demonstra um pesar e uma tristeza por ver o espaço tão vazio, especialmente o turno noturno, do qual faz parte. Ele diz, de forma figurativa e com grande emoção:

Senti que uma espada tinha trespassado algo extremamente forte e profundo, que era a faculdade de Pedagogia. Era como se um monstro com um poder esmagador tivesse calçado sob os pés os mais fortes esforçados guerreiros, que lutam pra estudar e transformar as pessoas através da Educação. (P4)

Um ponto importante foi trazido à tona na pergunta sobre os sentimentos dos participantes quando se trata de falar sobre o período de Ensino Remoto. Metade dos participantes demonstrou abertura, declarando que fala sempre. Nenhum respondeu não falar nunca. P1 declarou falar apenas quando estritamente necessário, enquanto P3 declarou não falar sempre, mas que, quando fala, sente-se frustrada.



Na última pergunta, sobre o que os estudantes mais lamentam ter perdido durante o tempo da pandemia, as respostas têm, entre si, suas diferenças e semelhanças. P1 lamenta a perda da saúde mental, do contato com amigos e do aprofundamento de temas que considera relevantes. P2 lamenta a perda do início do curso, a oportunidade de ser calouro. Sobre isso:

Eu perdi a oportunidade de ser calouro, ir pra festa, fazer amizades. Quando eu voltei pra a universidade, eu já estava muito mais exausto e ocupado. E eu sinto que existe uma parte da universidade que só foi vivida por quem se formou antes da pandemia. (P2)

Além disso, os demais participantes fizeram menções à perda da liberdade e do tempo com as pessoas amadas, sendo estes colegas ou professores, amigos próximos. Essas perdas, que podem se enquadrar no campo das interações, do tempo e de fatores socioemocionais (DE CERQUEIRA, 2020), para além do simbólico, parecem ser perdas concretas que se relacionam com o desenvolvimento pessoal e com a experiência e oportunidade de construir uma identidade como estudante universitário, profissional em construção e como ser social.

4 Considerações finais

Esse trabalho prestou-se a responder, através de uma pesquisa, como o luto simbólico pelas perdas educacionais afetou a jornada acadêmica de estudantes universitários e de que forma eles interpretam e significam esse luto. Nesse sentido, a pretensão não foi de esgotar o tema, mas unir-se a outras pesquisas em um esforço de construir ferramentas para lidar com o pós-pandemia nos mais diversos campos, e dessa forma, não permitir que esse período tão danoso seja transposto tal qual uma rua no dia a dia, sem significado, especialmente por pessoas que foram tão afetadas por ele.

Foi para esse fim que convocamos estudantes universitários para falar de suas percepções sobre as experiências que tiveram em um período tão doloroso e buscamos, ao longo do trabalho, explorar os significados atribuídos a essas vivências, levando em consideração o luto simbólico. Os participantes desse estudo são estudantes atravessados por um momento educacional único e sem precedentes, que os marcou de forma ímpar em sua formação, na construção de suas identidades e nas formas de perceber a vida.



Pesquisas já apontam e buscam medir o impacto da pandemia na saúde mental de estudantes universitários, concluindo que esse impacto persiste, com magnitudes e desdobramentos que não podem e não devem ser ignorados. Dentre eles o luto, seja concreto ou simbólico, marcas na aprendizagem, na relação com a educação (colegas e docentes), nos vínculos afetivos e na compreensão do mundo (Máximo, 2021; Guerreiro, M. Carvalho, J. Dias, C, 2022; Moreira, L.H, 2023)

As respostas oferecem uma sensível e, ao mesmo tempo, poderosa fonte de referências para compreender cada vez melhor quem são esses estudantes tão duramente afetados pelas características do tempo em que viveram. Apesar disso, reconhecemos a falta de participantes com vivências mais diversificadas, por exemplo, que precisaram sair para trabalhar ou que tinham filhos ou familiares sob sua responsabilidade, o que gera margem para outras pesquisas. Acreditamos que é importante seguir explorando o luto simbólico frente a um público mais amplo, especialmente quando se trata de universidades públicas, mas é provável que alguns dos sentimentos relatados sejam comuns a muitos dos que viveram o período: o sentimento de perda.

Ainda se faz necessário refletir sobre a natureza irreversível dos acontecimentos dos anos de 2020 e 2021 durante o período do Ensino Remoto. A Educação manteve muitas de suas características por anos, o modelo de cadeiras enfileiradas e formas de avaliação demonstram esse aspecto muito claramente. O período da crise de saúde escancarou algumas fragilidades do sistema educacional, colocou os alunos e os professores em um lugar de reflexão, mas este foi um lugar emergencial. Para além do “durante”, agora que habitamos no “depois”, é preciso ainda olhar para as coisas que foram aprendidas nesse período, e ouvir quem fez parte dele. De volta ao espaço físico da universidade, podemos pensar em dar mais espaço ao diálogo, à flexibilidade, à transformação e à saúde mental dos envolvidos no processo.

Em um texto que trata, principalmente da Educação Infantil como um campo de disputa frente a desigualdades e violências, tocando no contexto da pandemia, Anete Abramowicz (2021) nos chama a pensar nos mundos possíveis após a pandemia, não encarando os acontecimentos como uma simples tragédia para ser esquecida, mas como uma possibilidade de ousar um novo olhar. Além disso, fala das responsabilidades éticas que cada um tem com o seu tempo histórico, sendo nossa a possibilidade de ver o mundo em que vivíamos parar. A partir dessa volta, cabe a nós dizer como será esse novo mundo. Mais do que isso: lutar para que seja melhor.



Finalmente, as respostas dos participantes e análises dessas respostas permitiram compreender que, de muitas formas diferentes, esses estudantes não são os mesmos com os quais os professores se encontraram em outros anos, bem como os professores que passaram pela pandemia não devem ser os mesmos. Diante disso, a esperança é que se encontrem novas formas possíveis de fazer Educação que não desconsiderem as vivências do período pandêmico, mas que se transformem a partir dele, tornando-se mais inclusivas, mais compreensivas e mais amorosas.

Referências

ABRAMOWICZ, Anete. **Educação infantil pós-pandemia**. In: ADRIANA VASCONCELOS PACHECO RIOS, Jane (org.). *Profissão Docente em Questão*. Salvador, Bahia: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2021. cap. Educação e pandemia, p. 103-105. ISBN: 978-65-5630-151-8. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/34361/4/profiss%C3%A3o-docente-em-quest%C3%A3o_%20RI.pdf#page=97. Acesso em: 18 ago. 2023.

BIRMAN, J. **O trauma na pandemia do coronavírus: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

BRASIL. **Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação**. Câmara de Educação Básica. Resolução n.º 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18 dez. 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria n.º 343, de 17 de março de 2020, que dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus – Covid-19**. Brasília, DF, 2020a.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria n.º 345, de 19 de março de 2020, que altera a Portaria n.º 343, de 17 de março de 2020**. Brasília, DF, 2020b.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria n.º 473, de 12 de maio de 2020, que prorroga o prazo previsto no § 1º do art. 1º da Portaria n.º 343, de 17 de março de 2020**. Brasília, DF, 2020c.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria n.º 544, de 16 de junho de 2020, que dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus – Covid-19, e revoga as Portarias n.º 343, de 17 de março de 2020, n.º 345, de 19 de março de 2020, e n.º 473, de 12 de maio de 2020**. Brasília, DF, 2020d

CALISTA, Catarina Moreira. **A construção de espaços dialógicos no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará por meio do uso da oralidade como**



prática pedagógica docente no contexto do Ensino Remoto e do ensino presencial. Orientadora: Adriana Leite Limaverde Gomes. 2022. 95 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Curso de Graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

DACOLMO, M. **Um tempo para não esquecer: a visão da ciência no enfrentamento da pandemia do coronavírus e o futuro da saúde.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

DE CERQUEIRA, Bruno Rafael Santos. **Educação no ensino superior em tempos de pandemia.** Olhar de professor, v. 23, p. 1-5, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa** (37.^a ed.). São Paulo, SP: Paz e Terra, 2008.

GUERREIRO, Victória Mercya Sousa; CARVALHO, Joyce Duarte de; DIAS, Carina Araújo. **Diários da pandemia: registros de universitários sobre sua saúde mental no ano pandêmico de 2021.** Orientadora: Tania Vicente Viana. 2022. 23 f. TCC (Graduação em Pedagogia) - Curso de Graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

HERMANN, N. **Hermenêutica e educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LOPES, F. G. et al. **A dor que não pode calar: reflexões sobre o luto em tempos de Covid-19.** Psicologia USP, v. 32, p. e210112, 2021

MÁXIMO, M. E. No desligar das câmeras: experiências de estudantes de ensino superior com o ensino remoto no contexto da Covid-19. **Civitas**, v. 21, n. 2, p. 235-247, mai./ago. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/sh4bXpyhyNmPgSH4snCTrKx/>. Acesso em: 11 ago. 2023

Morales, P. **A relação professor-aluno: O que é, como se faz** (6.^a ed.). São Paulo, SP: Loyola, 2006.

MOREIRA, Luis Henrique Albuquerque. **“Amigo, estou aqui”!** A importância dos vínculos afetivos para a permanência no Curso de Pedagogia tempos de pandemia da Covid-19. Orientador: Messias Holanda Dieb. 2023. 74 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Curso de Graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

PAWLAK, Daria A.; SAHRAIE, Arash. **Lost time: Perception of events timeline affected by the COVID pandemic.** Plos one, v. 18, n. 5, p. e0278250, 2023.

PEINADO, Jurandir; VIANNA, Fernando Ressetti Pinheiro Marques; MENEGHETTI, Francis Kanashiro. A perspectiva de Retorno dos Alunos de uma Universidade Pública às Aulas Presenciais no Pós Pandemia. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 38, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/view/121497>. Acesso em: 24 nov. 2023



SANTOS, Aline Carla Azevedo Matos et al.. Autonomia e produtividade na educação: reflexos no mal-estar e sofrimento psíquico de estudantes. VII CONEDU - Conedu em Casa... Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/80068>>. Acesso em 11 ago. 2023.

SIDI, P. de M.; CONTE, E. A hermenêutica como possibilidade metodológica à pesquisa em educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara**, v. 12, n. 4, p. 1942–1954, 2017. DOI: 10.21723/riaee.v12.n4.out./dez.2017.9270. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/9270>. Acesso em: 11 ago. 2023.